

## RECORTES SOBRE A LEITURA E A ESCRITA NO ESTUDO DE CASO DO SUJEITO AFÁSICO RG

Iva Ribeiro Cota (UESB)

ivarcota@gmail.com

Emanuelle de Souza Silva Almeida (UESB)

emanuellenanet@yahoo.com.br

Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)

nirvanaferraz@gmail.com

### Introdução

Este trabalho<sup>1</sup> baseia-se no acompanhamento longitudinal de RG, 35 anos, que apresenta, segundo diagnóstico médico, a afasia<sup>2</sup> como sequela de um acidente vascular cerebral isquêmico (AVCi) decorrente de trombose de seio venoso.

O objetivo é avaliar a linguagem em funcionamento nesse contexto, verificando as dificuldades do ponto de vista da neurolinguística discursiva (ND), com destaque em situações de leitura e escrita que se evidenciam nesse caso. Para avançar nesses estudos, questiona-se: Quais as particularidades da afasia do sujeito em questão? O que se pode avaliar da leitura e da escrita desse sujeito afásico? O que se pode concluir deste estudo de caso do ponto de vista linguístico?

A hipótese que orienta este estudo defende que a análise da reestruturação da linguagem no caso de afasia se dá no viés reestruturação social, subjetiva e linguística. A língua oferece recursos que possibilitam aos sujeitos afásicos a mobilização das suas dificuldades e a linguagem, que permeia o humano, permite a utilização de sistemas alternativos de significação, que podem ir além dos recursos linguísticos.

Desde o dia 1º de julho de 2011, RG tem sido acompanhada por pesquisadores do Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (GPEN), no Laboratório de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (LAPEN), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Mestrado Acadêmico em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), no Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos (ECO), em atividades individuais e em grupo, com o intuito de avaliar o funcionamento da linguagem e intervir nas dificuldades linguísticas apresentadas em situações significativas.

As atividades individuais caracterizam-se por sessões que buscam evidenciar a forma como o sujeito em questão lida com o funcionamento da linguagem depois do AVCi e do diagnóstico de afasia, partindo de conversas informais, leituras, jogos, filmes, músicas, conversas ao telefone, troca de correspondências por MSN, e-mail, etc. As atividades em grupo são realizadas de forma interativa com outros sujeitos afásicos e pesquisadores com o objetivo de compartilhar e socializar experiências.

Com o acompanhamento longitudinal, observa-se que RG apresenta dificuldade de evocar palavras, troca de fonemas, dificuldade de leitura, de escrita e de representação numérica, além de déficit na percepção acústica em conversas ao

---

<sup>1</sup> Este trabalho está vinculado ao financiamento do CNPq processo 471384/2010-0.

<sup>2</sup> Coudry (1988) conceitua a afasia como alterações de processos linguísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Partindo de uma perspectiva linguística, um sujeito é afásico quando o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação.

telefone. Nas atividades em grupo, observa-se que, quando há sobreposição de fala de interlocutores, apresenta dificuldade de compreensão, perda do foco e desvio do tópico conversacional.

Para fundamentar este estudo, tomam-se com criticidade as discussões propostas, principalmente, por Freud (1891), Saussure (1916), Jakobson (1969; 1970), Luria (1974) Coudry e Possenti (1983), Coudry (1988; 2002; 2008; 2011; 2010), dentre outros trabalhos que subsidiam esta pesquisa na perspectiva dos estudos linguísticos e no contexto da neurolinguística discursiva.

Na abordagem metodológica, trabalha-se com o estudo de caso através de um acompanhamento longitudinal do sujeito RG para compreender a sua afasia de modo interpretativo a partir da análise do funcionamento da sua linguagem com o foco no dado-achado que provem do movimento teoria-dado-teoria.

## 1. Caminhos que conduzem ao estudo de caso do sujeito afásico RG e ao destaque nas questões da leitura e da escrita

Para a análise do diagnóstico de afasia, é preciso mergulhar nas nuances que se revelam em torno desse conceito. A alteração do funcionamento da linguagem é considerada a partir de um evento neurológico e distingue-se das trocas ou dificuldades com a linguagem apresentadas por pessoas em perfeitas condições de saúde.

Segundo Jakobson (1970, p.43), “a afasia pode levar a uma redistribuição das funções linguísticas”, o que leva a considerar que esse estado afeta tanto um nível linguístico quanto sua relação com outros níveis, afetando a linguagem. Nesse sentido, “se antes a fala transcorria como natural, com todas as marcas da fala humana, no estado afásico, não estão mais tão à disposição de quem fala, havendo uma interrupção no fluxo do discurso” (COUDRY; et al, 2010, p. 382)

O conceito de linguagem, direcionador do presente estudo, é tomado como uma atividade que se constitui “[...] na dimensão contextual e social em que os homens, por ela, atuam sobre os outros, na dimensão subjetiva em que, por ela, os homens se constituem como sujeito, na dimensão cognitiva em que, por ela, os homens atuam sobre o mundo estruturando a realidade. (COUDRY,1988, p.47).” Assim,

A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias. (FRANCHI, 1977, p. 22)

Cabe destacar que “[...] a linguagem não se limita às ‘formas’. Por isso, o que há de linguístico além das formas também deve ser avaliado.” (COUDRY; POSSENTI, 1983, p. 99). Desse prisma, a linguagem é um modo de significar o mundo em um trabalho coletivo que inclui o subjetivo, e, essa significação se dá pelas mais diversas maneiras, pois, “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 1916, p.16)

Nesse contexto, ao avaliar a linguagem em funcionamento, considera-se que:

*A avaliação de linguagem* que deriva dessa perspectiva relaciona-se aos processos de descoberta e conhecimento das dificuldades que o sujeito apresenta, bem como aos processos alternativos de significação de que lança mão para com elas lidar. A avaliação leva em conta, por constituir-se em meio às várias práticas discursivas em que o sujeito se engaja, ou pode se engajar, as tendências que a língua pode manifestar quando o sujeito trabalha com os processos patológicos, exibindo a ação criadora afeita ao exercício da linguagem por sujeitos pragmáticos. (COUDRY, 2002, p.111)

O estudo de caso de afasia nessa perspectiva envolve, portanto, um sujeito que se manifesta por meio da linguagem, tem um papel ativo e reconstitui-se na interação, pois, “é a partir da prática discursiva e de seus constituintes que aquilo que o sujeito identificou na língua passou ou passa a ‘fazer’ sentido para ele” (MORATO, 2001, p. 167). O que aqui se propõe como acompanhamento longitudinal é uma proposta abrangente que envolve interação, troca, situações de comunicação em que:

O trabalho de reconstrução dos objetos lingüísticos perdidos é um trabalho em conjunto, rico de experiências recíprocas, de relações intersubjetivas e pessoais em que se criam ‘os compromissos de uma cumplicidade, base para o estabelecimento das relações entre os interlocutores’ afásicos e não afásicos. (FRANCHI, in: COUDRY, 1988, p. XIII)

A cumplicidade pressupõe uma relação simétrica entre os que interagem com esses sujeitos, pois, considera-se o fruto dessas relações que se constituem em ação. Assim, o que se evidencia é uma avaliação da linguagem em funcionamento com todos os seus múltiplos usos e com particularidades do sujeito que a desenvolve, pois:

[...] a questão da avaliação de linguagem em contextos patológicos (afasia), diferentemente da abordagem tradicional assentada em tarefas essencialmente metalingüísticas, descontextualizadas e baseadas em uma concepção normativa e culta de língua, insere-se no exercício de *práticas que fazem sentido* para o sujeito, relacionadas a situações de uso social da linguagem. Por isso, nessa perspectiva, se avalia como o sujeito expressa sentidos e interpreta o jogo verbal de que participa como sujeito falante de uma língua natural, levando em conta que o sentido não é dado previamente, mas se faz em meio a contingências enunciativas e ântropo-culturais. (COUDRY, 2002, p.112)

Esses considerações devem remeter ao conceito de sujeito que “tem um trabalho para exercer com/na/sobre a linguagem em relação ao(s) outro(s) e ao mundo (re)organizado” (COUDRY, 2002, p.102), pois “há linguagem na afasia quando há sujeito” (COUDRY, 2002, p.102).

Deixar de considerar as particularidades desse sujeito, os desafios que enfrenta para comunicar e os seus novos processos de significação, é negar a subjetividade, pois, “o trabalho com sujeitos reais, historicamente situados, nos força a reconhecer e a explorar teoricamente o fato de que eles costumam usar a linguagem, seja em sua forma oral, seja em sua forma escrita, de maneira por vezes absolutamente singular.” (ABAURRE; COUDRY, 2008, p.173-174)

A partir dessa base, conceitua-se língua como “[...] as regras sociais do jogo da linguagem que se originam na prática com a linguagem” (COUDRY, 1988, p. 56), pois,

a língua está situada para além de qualquer pessoa e anterior a qualquer sujeito, mas o determina. Nesse processo, engloba-se a constituição da subjetividade, pois, “[...] saber uma língua é constituir-se pessoalmente de enunciações e constituir-se através dela. Sabe a língua aquele que exerce sua subjetividade pela linguagem, levando em conta leis sociais indicativas de processos de construções de enunciados [...]”. (COUDRY; POSSENTI, 1983, p. 100)

Destaca-se que a língua “é ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1916, p.17). Nesse sentido, sublinha-se o seu caráter social, suas regras estabelecidas socialmente, para só então exercê-las individualmente.

Desse modo, sustenta-se um trabalho com bases na ND que se constitui de um “conjunto de teorias e práticas, cuja concepção de linguagem, ao contrário de uma visão organicista, concebe língua, discurso, cérebro e mente como construtos humanos que se relacionam.” (COUDRY, 2008, p. 16)

Na perspectiva da ND, as concepções teóricas que norteiam essa pesquisa põem em relevo:

a avaliação e o acompanhamento do afásico, sob uma dinâmica heurística que produz conhecimento de processos de significação verbais e não verbais. Instrui e produz um (re)conhecimento mútuo de dificuldades e soluções, encontradas na interlocução e dialogia: lugar em que se cruzam discursos e por onde circulam outros sistemas semióticos que partilham com a língua a produção e compreensão de sentidos. (COUDRY, 2002, p.102)

Assim, conduz-se à percepção da importância de considerar o “dado-achado” que resulta da articulação teórica a respeito do objeto em investigação juntamente com a avaliação e acompanhamento dos processos linguísticos e cognitivos envolvidos em que teoria conduz ao caminho do dado e o dado alimenta um caminho para discutir e fundamentar a teoria.

No universo que cerca a linguagem do afásico destaca-se que “Para estudar, de modo adequado, qualquer ruptura nas comunicações, devemos, primeiro, compreender a natureza e a estrutura do modo particular de comunicação que cessou de funcionar.” (JAKOBSON, 1999, p. 34), pois cada caso traz especificidades que devem ser consideradas, já que o universo que constitui essa linguagem não se limita a categorias.

Ao direcionar o ângulo para as questões de leitura e escrita que estão em destaque neste artigo, “É importante ressaltar que tanto a fala quanto a escrita e a leitura são guiadas pelo sentido. É o sentido que conhecemos pela fala e que exercemos na família, no bairro, na igreja, na escola, por exemplo, que reconhecemos nos textos que lemos e escrevemos.” (COUDRY, 2011, p.3)

Essas consequências ressaltam que “O trabalho com sujeitos reais, historicamente situados, nos força a reconhecer e a explorar teoricamente o fato de que eles costumam usar a linguagem, seja em sua forma oral, seja em sua forma escrita, de maneira por vezes absolutamente singular.” (ABAURRE; COUDRY, 2008, p. 2). E, essas vivências devem ser salientadas no trabalho com casos de afasia.

Para compreender a explorar dinâmica da escrita, Saussure (1916) destaca que “conquanto a escrita seja, por si, estranha ao sistema interno, é impossível fazer abstração dum processo por via do qual a língua é ininterruptamente representada; cumpre conhecer a utilidade, os defeitos e inconvenientes de tal processo” (SAUSSURE, 1919, p.33). Desse modo, diversos aspectos estão presentes no trabalho

com a escrita como o conhecimento do sujeito como falante, participante de uma comunidade que domina uma determinada variedade e o conhecimento que tem da escrita inserida em práticas sociais que o cercam. Santana (2002) arremata essas considerações ao inferir que:

a escrita não se resume a palavras soltas, sílabas complexas, frases simples. Os sujeitos reconhecem o valor social da escrita e de suas práticas discursivas num nível muito mais sofisticado e conveniente, como produção de sentidos, e não de classificação gramatical; não numa escrita de sílabas, mas numa escrita de atividades significativas e cotidianas [...] (SANTANA, 2002, p. 149)

Cabe destacar que para evocar a palavra na linguagem oral, RG utiliza a escrita como uma forma de organização. Para justificar o uso desses meios, as colocações de Freud esclarecem que:

[...] a patologia das perturbações da linguagem não faz mais que repetir uma situação que se apresenta normalmente durante a aprendizagem das funções de linguagem. (...) A única diferença está no facto de no aprender estarmos ligados à hierarquia existente dos centros que iniciaram a sua função em tempos diversos (primeiro o sensorial acústico, depois o motor, mais adiante o visual e por fim o gráfico), ao passo que nos casos patológicos é chamado em auxílio em primeiro lugar o centro que permaneceu mais eficiente. (FREUD, 1891, p. 29)

Pode-se inferir, dessa forma, que RG recorre constantemente à (simulação ou) escrita da palavra ou construção que apresenta dificuldade porque sente mais segurança no terreno da escrita e, além disso, a escrita permite uma ordenação em um ambiente palpável.

## 2. A leitura e a escrita em dados do sujeito afásico RG

Com o intuito de destacar e analisar as questões de leitura e escrita e esclarecer a importância das interações nesse processo, toma-se dados de leitura e escrita elencados e discutidos a seguir. Com o acompanhamento longitudinal de aproximadamente treze meses, é possível ter um panorama geral dos desafios e progressos enfrentados pelo sujeito RG em relação à leitura e à escrita.

No início do acompanhamento, a dificuldade com a leitura era tão latente que RG tentava ler e reler um parágrafo inúmeras vezes com o objetivo de compreendê-lo, mas era em vão.

O impasse com a leitura pode ser evidenciado no dado, abaixo, em que RG menciona não conseguir fazer a leitura de slides que recebeu por e-mail.

Situação enunciativo-discursiva: 1º/07/2011d

Quadro 1: Dado 1: Não consegui ler.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
1	RG	Eu recebi um e-mail de uma colega minha que ela		

		é de Londres. Então, assim, quando ela manda mensagem é assim, muito difícil. Aí quando eu vi eu falei peraí. Pensa aí que eu não consegui ler.		
2	Ins	Não.		
3	RG	Não.		
4	Ins	Por quê?		
5	RG	São slides assim, igual\ slides mesmo, né?		
6	Ins	Hum!		
7	RG	Mas pensa aí, tem tanta informação que eu falei meu Deus do céu, não. Eu desisti. Eu falei, ah, mainha, tem tanta informação que eu, se você perguntar assim: Você entendeu alguma coisa? Eu não entendi nada. E até para ler é difícil.		
8	Ins	E a gente pode ler depois com você?		
9	RG	Não, pode. Inclusive ontem eu comecei a fazer com mainha e falei não, para.		
10	Ins	E são muitos slides?		
11	RG	Não. Inclusive na terceira eu falei, não, mainha, para. Eu não vou aguentar, não. Porque tem muita informação, assim. Pensa aí que eu\		

Nesse momento inicial, obtém-se pontos significativos para serem trabalhos nos encontros seguintes, pois, essa caracterização norteou caminhos a seguir. Posteriormente, buscou-se analisar as questões de leitura por meio de textos dentro da área de interesse de RG, para obter uma atividade dinâmica e descontraída. Buscando avaliar a capacidade de interpretação e análise.

Foram, também, organizados encontros que envolviam músicas do interesse de RG incluindo a ida ao cinema. Essas atividades foram de grande valia para o contato mais próximo com esse sujeito, como também para a avaliação da capacidade de leitura e interpretação em diversas situações.

Muitas dificuldades da oralidade perpassam o terreno da escrita, mesmo que a escrita seja mais estável para RG, pois, ela a utiliza para (re)organizar a sua fala nos

impasses vividos com as parafasias<sup>3</sup>, por exemplo. O que se percebe é que a maior parte do problema decorre da dificuldade de seleção. Esse aspecto pode ser ilustrado no dado a seguir em que RG relata a sua dificuldade com a escrita.

Situação enunciativo-discursiva: 29/07/2011

Quadro 2: Dado 2: As trocas

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
1	RG	Não sei se você já percebeu que quando a gente escreve lá no MSN eu tenho é assim, não é sempre, não, mas aí eu começo a fazer e, às vezes, eu demoro pra escrever porque eu falo essa é com F ou com V. Aí fico assim, sabe? É com V ou com F, por exemplo: foi. Eu da mesma palavra que eu faço antes, às vezes embaixo em faço errado, sabe? Aí depois eu falo isso é com F ou com O, é com F ou com V? Eu tenho essa dificuldade. Você quer ver com O e com U. Eu falo gente do céu.		

Para que o trabalho com a escrita fosse realizado de forma ampla, utilizou-se atividades diversas que envolviam diferentes gêneros textuais (carta, bilhete, lista de compras, conversas no MSN) com o intuito de analisar as formas espontâneas e programadas.

Com o decorrer do tempo, percebe-se em RG uma força de vontade surpreendente que a estimula a superar as dificuldades decorrentes da afasia, o desafio de uma semana transforma-se em um estímulo para superação na semana seguinte. Se o desafio não era superado, pelo menos novas alternativas surgiam em um trabalho em conjunto. RG também relata que em casa utilizava recursos alternativos que auxiliavam na leitura e na escrita como o dicionário e a internet.

Em uma sessão de acompanhamento, o desejo de ministrar cursos de oratória, como fazia antes do evento neurológico, vem à tona e mais um desafio foi lançado: uma exposição para um grupo de alunos. RG aceitou o desafio, a pesquisa ampliou o foco para análise e as semanas que seguiram foram caracterizadas por encontros que envolveram construção, estudo e leitura.

<sup>3</sup> Freud (1891) caracteriza a parafasia como uma perturbação da linguagem em que a palavra apropriada é substituída por uma outra não apropriada que tem no entanto uma certa relação com a palavra exata.

O desejo de RG tem de falar em público tornou-se um marco de motivação e superação, pois, como relata Lebrun (1983, p.102), “a motivação pode ser um determinante importante do trabalho verbal”. RG intensificou a leitura, a escrita, construiu e reconstruiu sua postura, motivou-se a falar, falar até com o espelho para treinar sua desenvoltura, arquitetou cada slide da apresentação e tomou uma decisão por conta própria: a primeira coisa a ser feita seria revelar para o seu público que havia sofrido um AVC, isso a faria sentir-se mais a vontade e a auxiliaria na busca de apoio nos momentos de dificuldade.

Após duas semanas de preparação, RG sentiu-se segura para a exposição que faria ao público e surpreendeu a todos com uma apresentação desenvolvida e firme. Como RG havia antecipado, a revelação das suas dificuldades fez com o público desempenhasse um papel de colaborador na sua apresentação, auxiliando-a nas dificuldades de evocar as palavras adequadas.

Na semana seguinte, ao assistir ao vídeo e observar seu desempenho, RG fica muito contente e emocionada, pois, aquela exposição representava o vencer de muitas barreiras: a barreira da dificuldade de leitura, da dificuldade de concentração e o medo de reencontrar com o público.

Essas barreiras vencidas motivaram RG buscar novas leituras, e, respeitando o seu novo ritmo, conseguiu ler o primeiro livro após o AVC. Essa leitura foi minuciosa e acompanhada de muitas anotações para facilitar a retomada do que havia lido.

Nas reuniões em grupo, encontrou outro desafio: a dificuldade de compreender as falas quando muitas pessoas falavam no grupo, principalmente, em situações de euforia, como nos momentos de jogos. Esse empecilho dificultou, em alguns momentos, a compreensão de regras de jogos e fez com que se tornasse mais lenta em atividades que exigiam concentração.

Um aspecto importante dos encontros em grupo foi a troca de experiências com afásicos e não-afásicos, esses encontros possibilitaram o olhar para dificuldades no outro e, também, para a descoberta de novas possibilidades de interação, integração, recomeço.

Com o decorrer do acompanhamento, muitas mudanças são perceptíveis no funcionamento da linguagem do sujeito RG. Toma-se como exemplo a evolução com a leitura. No dado a seguir, que ocorre sete meses depois do dado 1 intitulado “Não consegui ler”, RG conversa com Iic sobre a evolução da leitura.

Situação enunciativo-discursiva: 20/03/2012

Quadro 3: Dado 3: Leitura e superação

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
1	Iic	Você lembra que você dizia eu não consigo ler, não consigo ler, não leio, eu fico tentando, tentando, mas eu não entendo nada. Agora quando você termina aqui, você dá detalhes, você fala de coisas que estão além do texto.		

2	RG	Isso que é bom pra mim, Iic. Eu falo meu Deus eu tô conseguindo, eu tô conseguindo, eu fico assim. Você não tem noção, não. Quando eu tava fazendo com vocês aqui, voltar a ler um livro assim mais fácil e tal que foi “O segredo”, você não tem noção de como é que assim \		
3	Iic	Eu lembro que você lia escrevendo e voltava.		

RG ingressou, em 2012, no curso técnico e cultivou a capacidade de atenção às aulas, à leitura e o interesse pelos estudos. Escreve textos, faz trabalhos e provas, enfrentando as dificuldades com a leitura e a escrita, resolvendo os desafios.

Reiterando a importância de se examinar todos os aspectos da linguagem que compõem o sujeito é que Coudry (1988) ressalta:

[...] essa atividade do sujeito, aquilo que realça, os recursos que emergem a partir de sua doença, não poderá ser apreendida fora de condições de exercício da linguagem. Importa menos estudar o resíduo que a afasia provocou no sujeito (reconhecimento de déficits através de sintomas) e mais conhecer suas dificuldades e favorecer o desenvolvimento de alternativas próprias para reelaborá-las. (COUDRY,1988, p.196)

O que torna imprescindível é buscar meios para que o afásico supere a sua condição afásica através do exercício constante do seu papel de sujeito da linguagem em situações de interação e reconstrução com o outro, com os recursos linguísticos e com os outros sistemas de significação.

A linguagem vem reafirmar o seu caráter constitutivo no estudo desses dados. Mesmo com as limitações que a afasia pode trazer, existe a linguagem, língua e, conseqüentemente, um sujeito.

## Conclusão

Os resultados indicam que a intervenção linguística eficazes colaboram sobremaneira para a avaliação da linguagem dos sujeitos afásicos e que a leitura e a escrita sublinham enigmas que evidenciam um caminho aos acertos.

O que se destaca é que a linguagem pode ser interpretada não mais na ordem daquilo que é dito, pressupondo uma mensagem pronta e dissociada do sujeito e do mundo, mas na ordem da relação entre os dizeres e seus subentendidos, como um processo ativo, dinâmico, construído nas relações.

Sendo assim, o significado da palavra e o seu entendimento na leitura, na escrita e nas demais situações, dependem necessariamente da relação que se estabelece entre os sujeitos. Esses aspectos devem ser destacados no estudo do funcionamento da linguagem após ocorrências neurológicas que tornam sujeitos afásicos, pois, o trabalho de reconstrução dos aspectos linguísticos apagados é um trabalho em conjunto.

## Referências bibliográficas

- ABAURRE, M.B.M.; COUDRY, M.I.H. *Em torno de sujeitos e de olhares*. Estudos da Língua(gem), 2008; v. 6, n. 2: p. 171-191.
- COTA, I.R., SAMPAIO, N.F.S. *A afasia e a abordagem no erro na fala e na escrita: um estudo de caso*. 2011. Disponível em: [<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/637.pdf>] [acesso em 01 agosto de 2012].
- COUDRY, M.I.H. *Diário de Narciso: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos*. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p. Edição consultada: 2001.
- \_\_\_\_\_. *Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução*. Estudos da Língua(gem), 2008; 6: p. 9-38.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolinguística*. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 42, Campinas, IEL, UNICAMP, 2002, p. 99-129.
- COUDRY, M.I.H.; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 5, 1983, p. 99-109.
- COUDRY, M.I.H.; (Coord.). *Oralidade e escrita*. In: \_\_\_\_\_. *Conexão linguagem*. Disponível em : <http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/bitstream/handle/mec/21589/Atividade%203.pdf?sequence=2>. [ acesso em 27 de agosto de 2012]
- COUDRY, M.I.H.; et al. (Orgs.) *Caminhos da neurolinguística discursiva: teorização e práticas com a linguagem*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 141-158.
- FREUD, S. *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70, 1891. (Edição consultada: 2003)
- JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: \_\_\_\_\_. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969. p. 34-62. (Edição consultada: 1999)
- \_\_\_\_\_. *A afasia como um problema linguístico*. In: LEMLE, M. (Org.). *Novas perspectivas linguísticas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970, p. 43-54.
- LURIA, A.R. *Fundamentos de Neuropsicologia*. Tradução de Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974. 344p. (Edição consultada: 1984)
- SANTANA, A.P. *Escrita e afasia: o lugar da escrita na afasiologia*. São Paulo: Plexus Editora, 2002, 155p.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 27. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 1916. 279 p. Edição consultada: 2006.